



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR: SEVERINO FRANCISCO
AREA: JORNALISMO SOCIAL

Tropa de Elite e o discurso da mídia: fascismo ou crítica social

Lucas Rebelo Nasser
2051323/8

Brasília, junho de 2009

Lucas Rebelo Nasser

Tropa de Elite e o discurso da mídia: fascismo ou crítica social

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, no Centro Universitário de Brasília – Uniceub.

Professor orientador: Severino Francisco

Brasília, junho de 2009

Lucas Rebelo Nasser

Tropa de Elite e o discurso da mídia: fascismo ou crítica social

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, no Centro Universitário de Brasília – Uniceub.

Banca Examinadora

Prof. Severino Francisco
Orientador

Prof. Paulo Paniago

Profª. Máira Carvalho

Brasília, junho de 2009

Dedico este trabalho aos
meus pais: Ieda Rebelo
Nasser e Lúcio Flávio
Castro Nasser.

Agradecimentos

Agradeço imensamente a paciência e colaboração de todas as pessoas que me querem bem e torcem por mim, porém não poderia deixar de mencionar algumas especiais: Marina Nasser, Máira Nasser, Rener Kelher, José Duílio, Gabriela Macedo de Oliveira e, é claro, Seu Lúcio e Dona Ieda.

Agradeço também aos professores Severino Francisco, Claudia Busato, Paulo Paniago, Sidney Volkmann e Máira Carvalho.

*“Homem de preto, o que é que você faz?
Eu faço coisas que assustam o Satanás.
Homem de preto, qual é sua missão?
Entrar pela favela e jogar corpo no chão.”*
(Canto de guerra entoado pelos soldados
do BOPE)

Resumo

A estreia do filme *Tropa de Elite*, do diretor José Padilha, no ano de 2007, provocou intenso debate na mídia nacional, com repercussão, inclusive, em outros países, quando de seu lançamento em festivais internacionais.

O relato do cotidiano de policiais do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, a partir do personagem Capitão Nascimento suscitou, por parte da crítica midiática, opiniões polêmicas claramente determinadas por posicionamentos de ataques e defesas ao filme, polarizadas entre as classificações de fascista ou de crítica / denúncia social.

O presente trabalho pretendeu analisar os discursos da mídia, remontando a história de sua relação com as coberturas jornalísticas de questões relacionadas à violência, criminalidade e segurança pública.

Dadas as reações das plateias ao filme, que vieram a se constituir em um dos pontos centrais dos debates, necessária se fez a ampliação do presente estudo, com a introdução de dados e pesquisas sobre a “cabeça do brasileiro”, no intuito de trazer para a discussão elementos que permitam contribuir para a reflexão sobre os valores e comportamentos que compõem as cenas da violência nas cidades brasileiras.

Palavras-chave: Mídia impressa e eletrônica, violência, criminalidade, segurança pública, sociedade, Tropa de Elite

Sumário

1 Introdução.....	9
2 Referencial teórico.....	12
3 Procedimentos metodológicos.....	16
4 Análise de discurso.....	18
4.1 Fascismo ou crítica social.....	18
4.2 Narração em off	24
4.3 A Reação da Platéia.....	25
4.4 A representação do herói.....	30
5 Considerações Finais	33
Referências bibliográficas	36

1 Introdução

O projeto pretende discutir questões que envolvem a repercussão na mídia impressa e eletrônica do filme *Tropa de Elite*, do diretor José Padilha, lançado no ano de 2007.

A cobertura jornalística dividiu-se, claramente, entre aqueles que reagiram classificando o filme de fascista e os que o consideraram uma contundente crítica à realidade social brasileira, mais especificamente ao sistema de segurança pública.

Tais embates revelam faces de um tema que envolve a relação da mídia com a violência e as suas distintas compreensões de como as forças policiais devem atuar no exercício do combate à criminalidade.

O filme é inspirado no livro *Elite da tropa* (Objetiva, 2006), de Luiz Eduardo Soares, André Batista e Rodrigo Pimentel -os dois últimos foram policiais - e relata um momento de crise na vida do capitão Nascimento, do Batalhão de Operações Policiais Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro, que deseja deixar a corporação e tenta encontrar um substituto para o seu posto.

O filme se passa no Rio de Janeiro, no ano de 1997, por ocasião da visita do papa João Paulo II. Favelas, tráfico de drogas, corrupção policial e a atuação do BOPE constituem o cenário de representação de um drama com episódios marcantes do contexto social.

Tropa de elite é um termo normalmente utilizado para designar unidades destinadas a agir de forma decisiva em ações militares.

O BOPE, uma das corporações de elite, é a unidade especializada que atua em operações de risco extremo, seja em patrulhamentos em locais de alto risco, combates em locais de difícil acesso, ocorrências com reféns, incursões em favelas e situações de confronto com traficantes de drogas.

Uma síntese das questões tratadas no filme é apresentada por Contardo Calligaris (2007):

Além do combate entre as forças da ordem e os bandidos do tráfico, há quatro eixos de tensão: a oposição entre o Bope (um pequeno corpo de incorruptíveis treinados para a guerra) e um sistema policial inepto e corrupto; o conflito entre a vida de família do capitão, que vai ser pai, e, do outro lado, a brutalidade de sua tarefa; a luta do capitão contra o desgaste e os efeitos traumáticos de seu dia-a-dia; o embate entre a polícia e os próprios cidadãos de quem ela deveria defender a vida, a tranquilidade e as posses.

O filme *Tropa de Elite* foi escolhido como objeto de análise do projeto tendo em vista a expressiva repercussão obtida nos meios de comunicação, inclusive com alcance internacional, suscitando intensas polêmicas. E como afirma Luis Eduardo Soares, em seu artigo “Filme perturba até os caveiras¹ de carteirinha”, *Tropa de Elite* mobilizou o imaginário coletivo, sem limites de classe, cor, sexo, idade ou gênero (Soares, 2007).

Qual tem sido a relação da mídia com a questão da segurança pública? Em que medida as posições críticas defendidas na mídia representam as percepções da sociedade a respeito da atuação das forças de segurança pública? O que faz com que o Capitão Nascimento tenha sido visto como um herói nacional? Afinal, que fenômeno ocorre em nossa sociedade para que parte dela celebre alguém, integrante de um aparato policial do Estado, que tortura e mata?

Esses são alguns questionamentos que a discussão do tema permite e que são abordadas nesse trabalho e têm-se constituído em assunto de meu especial interesse, particularmente provocado quando dos lançamentos dos filmes *Cidade de Deus*, do diretor Fernando Meirelles e *Ônibus 174*, do diretor José Padilha, ambos em 2002, por abordarem a criminalidade, a violência urbana, o mundo das periferias, das favelas, os frutos da desigualdade social, o preparo/despreparo da polícia, enfim, questões identificadas com um jornalismo mais voltado à vida social coletiva.

Tropa de Elite segue a mesma trilha desses filmes, daí decorrendo o interesse em tê-lo como referência para a análise dos discursos da mídia.

¹ Designação popular para os membros do BOPE.

E, por identificação, transcrevo o seguinte depoimento:

Por isso, aqui estou eu, mesclando jornalismo e ciências sociais. Esse era o plano, desde o início. E se a universidade forma técnicos em comunicação, paciência, eu quero ser jornalista e fundamentar o meu trabalho na editoria social... Tenho a necessidade involuntária de um saber que dialogue comigo mesma, que me faça refletir, mudar, sentir. Um saber inebriante, que me tire da burocracia apática de ensinamentos voltados para a técnica em detrimento da humanística e me faça sentir viva, em contato com a realidade". (LOPES, 2007)

2 Referencial teórico

A análise do discurso da mídia sobre o filme *Tropa de Elite* remete à relação dos meios de comunicação, em suas coberturas jornalísticas, com as questões da criminalidade.

O tema tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores, como Luis Eduardo Soares, Muniz Sodré e Nancy Cardia, dentre outros, além de congregar, em várias organizações não-governamentais, institutos, núcleos e centros de estudos, especialistas e professores que desenvolvem pesquisas relacionadas às áreas da violência, criminalidade, segurança pública, direitos humanos.

As referências teóricas dessa monografia tiveram por base as produções desses estudiosos com enfoque específico nas questões sobre a violência urbana, segurança pública, criminalidade e mídia, bem como as contribuições da análise de discurso para a obtenção das categorias de análise do discurso da mídia.

Especificamente quanto à relação mídia e violência e o seu papel no debate público sobre o tema, cabe citar as pesquisas realizadas em 2004 e em 2006 pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania da Universidade Candido Mendes - CEsC (RJ) – Mídia e Violência – como os jornais retratam a violência e a segurança pública no Brasil.

Embora tais pesquisas não tenham tido o foco de analisar o discurso das notícias ou seu impacto sobre o leitor, mas as tendências da cobertura por meio de uma análise quantitativa da produção jornalística sobre violência e segurança pública, será apropriado utilizarmos-nos de algumas de suas reflexões sobre a trajetória histórica da inserção de pautas sobre segurança pública nas páginas dos jornais e o diagnóstico sobre a cobertura jornalística da violência no Brasil.

O distanciamento da mídia e dos círculos acadêmicos em relação a esses assuntos deveu-se fortemente à identificação das forças policiais como órgãos meramente repressores, especialmente no período da ditadura militar (1964-1985). Somente a partir dos anos 1990, com o processo de redemocratização e a expansão da violência na sociedade brasileira, é que o tema voltou a despertar

atenção da mídia, já em sintonia com uma nova percepção dessa problemática, que vinha sendo objeto de estudos pelos meios acadêmicos e também pelo surgimento de movimentos da sociedade civil organizados em torno do combate e da busca de soluções para a violência nas cidades e nas favelas.

A pesquisa realizada pelo CESeC em 2004 analisou 2.514 textos jornalísticos veiculados em 35 dias ao longo de cinco meses por nove jornais brasileiros: três jornais paulistas, três fluminenses e três mineiros, e a de 2006 analisou 2.651 textos da produção de oito jornais do Rio de Janeiro.

Os resultados obtidos apontaram para mudanças que reforçam a importância do papel da mídia, e aqui estamos nos referindo especialmente à mídia impressa, no debate público sobre o tema.

Algumas de suas conclusões tratadas a seguir demonstram que, apesar dos avanços, ainda são tímidas as iniciativas da cobertura jornalística frente à capacidade que a mídia tem de influenciar a opinião da sociedade e de motivar e fiscalizar a implantação de políticas públicas de segurança pública. Senão, vejamos.

O volume de notícias sobre violência urbana e segurança pública tem-se tornado mais frequente, o que sinaliza o reconhecimento da relevância do assunto. Porém, a cobertura compõe-se, em sua maior parte, de histórias individuais, isto é, matérias motivadas por fatos cotidianos - assaltos, homicídios, acidentes; é pouco contextualizada, ou seja, não oferece análises e críticas; contém baixa diversificação de opiniões, recorre poucas vezes a dados estatísticos, estudos, opiniões vindas da sociedade civil - centrando sua fonte de informações na polícia, além da reduzida iniciativa de abordarem o assunto por meio da realização de entrevistas, de editoriais e reportagens especiais.

A maioria dos jornais analisados deixou de realizar coberturas sensacionalistas ou mesmo o apelo ao endurecimento de medidas contra o crime. São raras as notícias sugerindo mais rigor no tratamento aos criminosos ou a restrição de direitos como soluções para o problema da violência, e mesmo que seria legítimo fazer justiça com as próprias mãos, denotando uma preocupação de

respeito aos personagens envolvidos, de não assumir posturas autoritárias e desrespeitadoras de direitos humanos.

Poucos textos usam palavras ou expressões características de visões estigmatizantes (ex: menor, menino de rua), o que indicaria que a imprensa não vem funcionando como reprodutora e propagadora de estereótipos normalmente associados à violência urbana.

Esse é particularmente um ponto polêmico, pois o olhar da mídia sobre os pobres é visivelmente diferenciado em relação à classe média.

É a visão de Souza e Silva, que afirma que a mídia contribui, mais do que qualquer outra instituição, para a consolidação e a difusão de conceitos estereotipados. Tudo o que é vinculado ao pobre é considerado menor. O morador de favela é percebido como negro analfabeto e miserável. As favelas e as periferias são designadas como espaços à margem da sociedade – territórios inimigos, dominados pelos conflitos e alvos da intervenção armada da polícia. É uma visão homogeneizadora que não permite o registro da variedade das situações sociais, culturais e econômicas, pois nas favelas moram desde famílias muito pobres até aquelas com padrão financeiro e cultural condizentes com os de classe média.

O pobre, nas fotografias, é sempre apresentado nas piores condições – malvestido, despenteado, cercado de crianças com aspecto de malcuidadas.

Não se tira fotografia de uma pessoa de classe média sem camisa.

Quando um criminoso da classe média é preso, a imprensa se ocupa em questionar os motivos que o levaram ao crime. Se o criminoso é pobre, isto nunca é feito. (SILVA, 2007, p. 92-96).

Exemplo recente ocorreu no mês de abril em Brasília quando um servidor do Banco Central, classe média alta, foi preso por ter matado dois mendigos na Asa Sul. Os motivos que o levaram a tirar a vida dos moradores de rua tiveram destaque. As possíveis justificativas foram apresentadas: irritação, surto, problemas psiquiátricos.

Por último, embora a relação da mídia e violência permaneça uma questão em discussão, na qual identificam-se avanços convivendo com velhas práticas

condenadas pelos próprios jornalistas, a importância do papel da imprensa no agendamento público do tema é consensual entre os estudiosos do assunto, inclusive pela mobilização de respostas do governo, da justiça e da própria sociedade civil, sendo citados como exemplos que tiveram tal repercussão os casos Carandiru, Candelária e da chacina de Vigário Geral.

3 Procedimentos metodológicos

O caminho metodológico percorrido inicialmente ateve-se à realização de pesquisa bibliográfica sobre temas correlatos ao presente estudo, quais sejam: mídia, violência, segurança pública, análise de discurso, fascismo, cinema e crítica social, além de estudos sobre percepção e efeitos da violência na sociedade brasileira.

Em sequência à pesquisa documental, e com a finalidade de identificar a repercussão na mídia do filme *Tropa de Elite*, foram selecionadas matérias publicadas em jornais, além de artigos veiculados em meio eletrônico, sendo que o critério de escolha teve por base a identificação de dois posicionamentos distintos: os que classificaram o filme como fascista e os que o consideraram uma crítica ou denúncia social, uma vez que os artigos se concentraram em “ataques” e “defesas” em torno dessa discussão.

Para subsidiar a análise das matérias buscou-se o aporte dos fundamentos da análise de discurso, tendo por referências a escola francesa e as discussões trazidas sobre o tema por Michel Foucault.

A análise de discurso teve início no ano de 1969, na França, com a publicação do livro *Análise Automática do Discurso*, de Michel Pêcheux, que colocou - desta forma - em cena o discurso como objeto de análise.

De acordo com Pêcheux (1990), o nascimento da análise de discurso foi presidido por uma tríplice aliança. Uma teoria da história, para explicar os fenômenos das formações sociais; uma teoria da linguística, para explicar os processos de enunciação e uma teoria do sujeito, para explicar a subjetividade e a relação do sujeito com o simbólico.

Na ótica da análise de discurso, a linguagem não é um simples instrumento de comunicação ou de transmissão de informação apenas, pois as relações da linguagem são relações de sujeitos e de sentidos afetados pela língua e pela história e seus efeitos são múltiplos e variados. A linguagem é o lugar dos conflitos e dos confrontos. E o discurso é uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo.

O discurso não é a língua, nem o texto, nem a fala. O discurso encontra-se no social e envolve aspectos sociais e ideologias que estão impregnados nas palavras.

Segundo a perspectiva de Foucault, para a análise dos discursos é necessário antes de tudo recusar as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas – práticas bastante comuns quando se fala em fazer o estudo de um discurso.

Para Michel Foucault, é preciso ficar (ou tentar ficar) simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar. E a primeira tarefa para chegar a isso é tentar desprender-se de um longo e eficaz aprendizado que ainda nos faz olhar os discursos apenas como um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado, cheio de reais intenções, conteúdos e representações, escondidos nos e pelos textos, não imediatamente visíveis. É como se no interior de cada discurso, ou num tempo anterior a ele, se pudesse encontrar, intocada, a verdade, despertada então pelo estudioso.

Para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento.

4 Análise de discurso

Para a identificação dos discursos empregados para as críticas ao filme *Tropa de Elite* foram selecionadas matérias publicadas ou divulgadas na mídia impressa e eletrônica no período de outubro de 2007 a fevereiro de 2008, tempo transcorrido entre o lançamento nacional e o internacional do filme, quando ocorreu maior quantidade de artigos, com prevalência de textos que traziam opiniões em torno do debate sobre ser o filme fascista ou o de trazer a representação de uma situação social em forma de denúncia.

Como já dito no capítulo anterior, a adoção do método análise de discurso teve por finalidade a apreensão do discurso da mídia considerando o contexto social e histórico dos sujeitos que a produzem e que interpretam.

Deste modo, buscou-se, inicialmente, a explicitação dos vocábulos e conceitos que diferenciam os discursos na análise da crítica ao filme, quais sejam, fascismo e cinema como crítica social. Em seguida, são destacadas as abordagens predominantes constitutivas dos discursos da mídia: a narração em off, a reação da plateia e a representação do herói, tendo-se buscado nesses conteúdos sua relação com o contexto histórico e social.

4.1 Fascismo ou crítica social

Para a compreensão do termo fascismo, buscou-se a definição contida no *Dicionário de Política* (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1991):

Em geral, se entende por fascismo um sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto do chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao

comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo; por objetivos de expansão imperialista, a alcançar em nome da luta das nações pobres contra as potências plutocráticas; pela mobilização das massas e pelo seu enquadramento em organizações tendentes a uma socialização política planificada, funcional ao regime; pelo aniquilamento das oposições, mediante o uso da violência e do terror; por um aparelho de propaganda baseado no controle das informações e dos meios de comunicação de massa; por um crescente dirigismo estatal no âmbito de uma economia que continua a ser, fundamentalmente, de tipo privado; pela tentativa de integrar nas estruturas de controle do partido ou do Estado, de acordo com uma lógica totalitária, a totalidade das relações econômicas, sociais, políticas e culturais.

Para fins deste trabalho, com base no que foi apreendido nas matérias, entende-se que o termo fascista tenha sido utilizado como sinônimo de autoritarismo, adesão ao uso da força, ausência de diálogo, intolerância, e não como referência direta ao movimento surgido no após a Primeira Guerra como uma reação da extrema direita ao comunismo. Ou seja, embora o fascismo não exista mais como sistema político, elementos seus podem continuar ainda presentes mesmo nas sociedades democráticas, o que deriva no uso de determinadas palavras para a identificação de fatos e comportamentos sociais.

Quais são os argumentos apresentados para classificá-lo de fascista?

- O filme silencia sobre os graves problemas sociais do capitalismo, como a fome e o desemprego, e poupa os governos e suas políticas;
- Legitima a violência policial e a violência contra as favelas;
- As favelas são resumidas ao tráfico, sendo ignorada a grande maioria de homens e mulheres trabalhadores, jovens e crianças, moradores destas comunidades;
- Incorpora o discurso dos policiais de que “não há saída, tem mesmo é que matar!”;
- Responsabiliza os consumidores de drogas pela violência, por financiarem o tráfico.

A revista americana *Variety*, um dos veículos mais influentes da indústria cinematográfica, publicou uma crítica contundente sobre o filme quando de sua exibição no Festival de Berlim, classificando-o de uma monótona celebração da violência. Afirma, inclusive, haver uma suposta semelhança entre o uniforme e o distintivo do BOPE com os da brigada Cabeça da Morte, guarda de elite da SS nos campos de concentração nazista.

O destaque nacional fica por conta do artigo do articulista Arnaldo Bloch, “*Tropa de Elite é fascista?*”, publicado em setembro de 2007, no jornal *O Globo*, logo após a estreia do filme no Rio de Janeiro, que fez a crítica de que o diretor José Padilha “assumiu de forma sistemática, acrítica e quase pedagógica” o ponto de vista dos torturadores, o que teria deflagrado o intenso debate. Logo em seguida o jornalista Artur Xexéo publicou o artigo “*O chocante é a plateia*”, ao qual fazemos menção adiante.

Outro artigo, publicado no *site* do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados – *Tropa de Elite é fascista, sim!*, vai além da crítica ao filme ao relacionar sua estreia com o lançamento da nova política nacional de segurança pública, identificando coincidências entre a mensagem do filme e o intuito do governo com tal política – maior repressão policial, ao estilo “primeiro mata, depois pergunta”.

Em contraponto, há os que o reconhecem como um filme crítico da realidade, mostrando um lado do Brasil de hoje: favelas, tráfico de drogas, corrupção policial, miséria social, econômica e moral. Ou seja, um retrato do que foi produzido em matéria de desrespeito à vida e à dignidade das pessoas.

Preliminarmente à análise das notícias, julga-se pertinente uma breve apresentação sobre dois momentos da história do cinema brasileiro, de forma a contextualizar a discussão do cinema como crítica ou denúncia social: o Cinema Novo e a Retomada do cinema brasileiro.

O Cinema Novo surge na década de 1960 trazendo forte crítica ao domínio do mercado nacional pela indústria estrangeira, principalmente a norte-americana. Domínio esse que teria grande influência na própria cultura brasileira.

A luta do Cinema Novo era contra a alienação do povo, agravada pelo Golpe Militar de 1964. “Conscientizar o povo, a intenção de revelar os mecanismos de exploração do trabalho inerentes à estrutura do país e a vontade de contribuir para a construção de uma cultura nacional popular”, assim Glauber Rocha, o nome de maior relevância do Cinema Novo, definia esse movimento.

Tratava-se, portanto, de um cinema engajado, de caráter ideológico, de expressiva crítica social e política, com preocupações culturais em detrimento das comerciais.

Em 1964, o Cinema Novo teve sua maior expressão, com a realização de filmes com temáticas ligadas ao campo, à seca, aos retirantes nordestinos, à fome, como *Barravento* e *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha; *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos e *Os Fuzis*, de Rui Guerra.

Segundo Pedro Simonard, o desenvolvimento do Cinema Novo foi prejudicado por alguns fatores: o público era formado por estudantes e intelectuais, que assim como os cinemanovistas pareciam ser os únicos que compreendiam suas intenções; a burguesia e a classe média não gostavam da cara do Brasil que lhes era apresentada. O Cinema Novo teria se colocado como dono da verdade, o grupo que tinha as melhores propostas para o país porque seriam autenticamente populares e nacionalistas. E o povo, aquele que precisava ser conduzido, salvo e conscientizado, nem tinha acesso ao cinema. Estabeleceu-se, desta forma, um processo de isolamento do grande público. E, se o filme não agradasse, o problema estava no público que tinha pouca consciência política e não era culturalmente desenvolvido.

Somente a partir do ano de 1993 é que o cinema reata sua relação com as questões sociais. É a Retomada do cinema brasileiro, que recupera seu fôlego após um longo período de baixa produção.

O advento da Lei do Audiovisual e das leis de incentivo possibilitaram a produção, entre 1993 e 2001, de 167 longas-metragens, contra 30 produzidos na década anterior.

Assim como no Cinema Novo, os filmes da Retomada fizeram retornar às telas temáticas como miséria, fome, favelas, periferias.

As diferenças com o Cinema Novo dizem respeito à proposta estética desses dois cinemas.

O Cinema Novo apresentava uma proposição revolucionária na linguagem cinematográfica, contrariando os padrões dos grandes estúdios. Bastava uma equipe pequena, nada de aparato técnico, “uma câmara na mão, uma idéia na cabeça”, na definição de Glauber Rocha.

Já o Cinema da Retomada caracteriza-se pelo bom acabamento técnico, semelhante aos filmes de ação americanos, um olhar menos reflexivo sobre a realidade e mais preocupado com o tratamento da imagem, alinhando-se, desta forma, com o mercado internacional.

Mas se não há a intenção de conscientizar, de levar o povo à revolta contra a pobreza, permanece a crítica social, a exemplo de filmes como *Central do Brasil* (Walter Salles, 1998); *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles, 2002); *Amarelo Manga* (Claudio Assis, 2003); *Tropa de Elite* (José Padilha, 2007).

Retomando a análise das críticas, ganha destaque o artigo de Jurandir Freire Costa – *O ano que daremos férias à Tropa de Elite* (2007) – por apresentar uma análise mais sociológica do filme em termos da crítica que traz à sociedade brasileira e às nossas elites:

Tropa de Elite poderia ser grafado no plural, sem perda de conteúdo. Na verdade, as supostas elites retratadas no filme são duas: a policial e a universitária. O detalhe nada tem de irrelevante. Nele se repete um dos mais lastimáveis fenômenos da cultura brasileira, qual seja, a recalcitrante incapacidade de nossa autodeclarada elite de agir, de fato, como uma legítima elite. Elite - faça-se justiça à tradição linguística – é o conjunto dos melhores. E os melhores, no credo democrático-humanitário, são os que mais contribuem para fortalecer as ideias de igualdade, liberdade e fraternidade. Ora, a pretensa elite nacional jamais se conduziu segundo esses princípios, donde a relação promíscua que sempre manteve com o que a polícia pode ter de mais abusivo e imoral. Um dos maiores méritos de *Tropa de Elite* é deixar claro que a banda podre da polícia nada mais é do que o espelho da banda podre de elites que usurparam o direito a portar um nome ao qual jamais fizeram jus.

Constata-se que as críticas favoráveis, em sua grande maioria, voltaram-se mais à apresentação de contra-argumentos àqueles que o consideraram fascista. Ou seja, o debate ficou claramente polarizado. O que se passou a discutir foi se o filme é fascista ou não.

Os artigos abaixo são representativos dos posicionamentos defensivos às críticas de o filme ser fascista.

O filme não é fascista. Tampouco é justo dizer que faça apologia da tortura. Ele simplesmente mostra que a tortura existe, e que ela é sistematicamente usada pelas forças de coerção estatais, isto é, a tortura continua sendo um método sistemático adotado pelas forças policiais no Brasil. Outra coisa que o filme mostra é que, no Brasil, a pena de morte existe. Caveira! Morreu. Já era. Execução sumária. Tiro na cara. Sem julgamento, sem direitos, sem nada. Pena de morte. Isso existe no Brasil. E foi isso que o filme do Padilha mostrou. No Brasil, a pena de morte e a tortura são métodos sistemáticos e preferenciais usados pelas forças de repressão do Estado. (José Luis dos Santos, CMI Brasil, 2007).

Fascista? Não achei nem um pouco. Se há algo a concluir de *Tropa de Elite* é que policiais são corruptos, torturadores e assassinos; que quando querem ser honestos aderem a um grupo de psicopatas; e que os traficantes são piores ainda.

Classificar um filme de fascista, atualmente, significa dizer que promove a glorificação da violência, o desprezo à lei e aos direitos humanos. Para o fascista, se não houvesse as ONGs para atrapalhar, a segurança pública estaria garantida. A polícia poderia fazer seu serviço de limpeza, matando quantos bandidos quisesse, e assim todos os cidadãos de bem poderiam viver tranquilos. [...] há um aspecto que *Tropa de Elite* não apresenta de jeito nenhum. É a ideia de que “assim” as coisas se resolvem. Com toda a evidência, o filme de José Padilha não faz essa aposta.

Só concluo dizendo que fascista é o filme que apresenta a violência social como solução. *Tropa de Elite* não mostra soluções, só problemas. E estes, com certeza, são bem fascistas. (Marcelo Coelho, 2007).

4.2 Narração em off

Um ponto central nessa discussão foi a utilização, pelo diretor, da narração em “off”, ou seja, o filme é narrado a partir do testemunho, do ponto de vista de um personagem, o capitão Nascimento.

A narração em off é um recurso estético bastante utilizado na produção brasileira de documentários até o final dos anos 80.

Segundo Consuelo Lins, o abandono desse elemento ocorreu pela intenção de os cineastas quererem abolir “a voz de Deus”, isto é, a narração desencarnada onisciente e onipresente, que tudo vê e tudo sabe a respeito dos personagens...

Considerada uma intervenção excessiva na relação entre filme e espectador, dirigindo sentidos, fabricando interpretações, a produção cinematográfica no Brasil praticou uma recusa desse tipo de locução.

A pergunta constante foi em que medida a pretensão de transformar tal testemunho como a representação da realidade influenciou o público, a ponto de não permitir que ele próprio pudesse tirar suas próprias conclusões. Ou inibir sua liberdade de construir sua própria história de maneira mais aberta, menos direcionado pela voz do narrador.

Alguns analistas apontam que tal recurso estabeleceu um distanciamento crítico que impediu que o espectador percebesse como a sociedade opera no trato com aqueles que cometem crime. A voz em off teria provocado uma adesão ao narrador, tendo, inclusive, facilitado sua identificação como herói.

Destaca-se que alguns artigos trouxeram críticas bastante contundentes sobre a apresentação do filme a partir do ponto de vista de um policial.

Para ilustrar, reproduzimos o seguinte comentário:

Um torturador – como personagem – pode narrar na primeira pessoa em qualquer gênero. Mas triste e mal realizada e infeliz é a obra que se contamina dessa pessoa. Quando o público nos estádios de futebol, numa espontânea manifestação que deixou José Padilha emocionado, quando a torcida no Maracanã dá um grito de guerra que veio de *Tropa*

de *Elite*, o público apenas apreendeu o realizado em seu filme, a saber: o Capitão Nascimento é um herói, é bom torturar, é justo e ético mandar crânios de bandidos para o inferno. No mínimo, é maneiro asfixiar bandidos até o sangue estourar no saco plástico. (MOTA, 2007).

Soares, ao tratar da repercussão em torno dessa voz, assim argumenta:

Por que terá tido tanto poder desestabilizador, subversivo, desorganizador, a voz desse protagonista policial, tanto no livro quanto no filme - voz atravessada por angústias e ambivalências, contradições, agressividade e insegurança, culpas e hesitações, sob a aparência de distanciamento irônico e autosuficiente? (SOARES, 2007).

4.3 A Reação da Plateia

A leitura dos artigos permitiu concluir que a polêmica em torno do filme tomou uma maior dimensão em função da reação das plateias. Os aplausos nas cenas de agressão, os gritos “caveira”, “caveira” (símbolo do BOPE), os risos diante das cenas de tortura tiveram grande destaque nas críticas.

Conforme o artigo “*O chocante é a plateia*” de Artur Xexéo (2007),

“o que vem realmente causando impacto nas primeiras exposições públicas é o comportamento da plateia. Independentemente das intenções do diretor, o capitão Nascimento virou um herói. Já foi indicado para presidente da República por um espectador... *Tropa de Elite* vem sendo defendido por sua equipe como um filme que apresenta o ponto de vista da polícia. Mas isso não é muito diferente do que João Moreira Salles fez ao dar voz ao capitão Rodrigo Pimentel, no documentário *Notícias de uma guerra particular*. A diferença aqui é a reação do público. O público é que aplaude cada tortura em traficante, cada morte de bandido. *Tropa de Elite* está fazendo vir à tona um comportamento até agora silencioso. Não é o filme que faz a classe média apoiar métodos radicais para combater a bandidagem. Talvez o filme ajude a catarse. Melhor do que criticá-lo é refletir sobre o que nos transformou em gente assim”.

Identifica-se que ocorreu um estranhamento, um espanto, uma perplexidade com essa reação de alguns espectadores não só por parte da mídia, mas dos próprios autores do livro, do diretor do filme, de seus atores, resultando em uma profusão de artigos, comentários, de defesas, de interpretações, inclusive isentando o filme dessa responsabilidade – o filme não pode ser culpabilizado por isto. A plateia é que se identificou com personagens que expressam suas emoções e representam os seus valores...

“Mas, de onde vem esse prazer (... o prazer graças ao mal de outrem)? Do desejo comum aos homens de fazer mal uns aos outros – é a resposta clássica dada por Hobbes –, na medida em que todos disputam um mesmo objeto, que é o poder. Como gladiadores, os indivíduos correm para a morte, matando-se mutuamente. Daí deriva o prazer, muito forte, de assistir ao perigo ou à morte dos outros, de tornar-se espectador do sofrimento alheio.

Hoje, é possível que a grande força sedutora da exibição de acontecimentos violentos resida no vislumbre que se possa ter de uma ordem humana em que as pulsões agressivas ou sado-masoquistas encontrem a sua descarga e o seu controle reequilibrador, portanto, na contemplação da violência como uma contrapartida para o medo comunitário.

A exibição do fato violento, de modo dramático ou não, é uma tentativa, às vezes infantilizada, de se lidar com a banalização do trágico no cotidiano de hoje.

Na atmosfera generalizada de *horror show*, em que o sofrimento do outro e o medo coletivo são produzidos como espetáculo, irrompem os discursos moralistas, as pregações em favor do retorno à velha moralidade, como instrumentos da gestão burocrática (policial, estatal) dos riscos de catástrofe” (SODRÉ, 2002, p. 97).

Que sociedade é esta que identifica um policial que tortura e mata como um herói que salva? Uma sociedade insegura, com medo da violência? Que não acredita nas instituições, nas leis, no Estado de Direito? Que confere ao mais forte a legitimidade de eliminar os bandidos?

Estudo realizado pela pesquisadora Nancy Cardia - *“Exposição à violência: seus efeitos sobre valores e crenças em relação à violência, polícia e direitos humanos”*- apresenta resultados que parecem indicar a disseminação e consolidação de comportamentos da população baseados em sistemas morais particularizados em detrimento de princípios éticos válidos para todos, como pode-se verificar a seguir.

Qual é o impacto da exposição continuada a uma violência que parece que nunca termina? Pode-se considerar esta experiência um tipo de socialização negativa, onde paulatinamente vão se perdendo os interditos morais contra o uso da violência como forma de se reparar danos, de se fazer justiça, de se proteger, de se prevenir contra ameaças reais ou imaginadas?

Observamos uma série de indícios de que a experiência de ser vítima direta e indireta de violência grave não é um fato neutro, sem outras conseqüências além do trauma físico ou psicológico imediato. Há fortes indícios de que a exposição à violência pode mudar as pessoas, seus comportamentos, suas crenças, seus valores, sua maneira de perceber a vida e talvez até si mesma. Há indícios de que esta experiência não encoraja uma maior abertura para a vida em comunidade, mas que, ao contrário, encoraja as pessoas a buscarem meios individuais de proteção e, neste processo, a se retirarem do espaço público construindo mais e maiores barreiras, isolando-se ainda mais em um processo que pode ter o efeito oposto: ao invés de obterem mais proteção, ganharem maior vulnerabilidade.

Maior a exposição à violência, menor a crença nas forças encarregadas de aplicar as leis e maior o risco de cinismo em relação às leis, e paradoxalmente, maior a aceitação do arbítrio e da violência, contanto que aplicados contra suspeitos da prática de delitos percebidos como muito graves e sérios e como devendo sempre ser punidos. Maior também é a aceitação de penas mais duras ou percebidas como definitivas, como a pena de morte ou a prisão perpétua. O sofrimento que resulta da maior vitimização não parece estar resultando em maior tolerância com relação ao outro, em uma maior defesa do estrito respeito às leis. É possível que a maior intolerância e a punitividade identificada resultem da falta de proteção que as vítimas sentem, da maior vulnerabilidade que percebem. Vulnerabilidade esta possivelmente

alimentada pelas más imagens que têm das forças policiais; aquelas que em tese deveriam garantir sua segurança pessoal. (CARDIA, 2003)

Em última análise, depreende-se que a captura, pelas pesquisas, dos pensamentos e atitudes da população brasileira em relação às questões de violência, criminalidade e as possíveis soluções estão sujeitas às condições a que essa população está submetida.

Na perspectiva de elucidar o entorno social em 2007, ano do lançamento do filme, segundo o documento *“Balanço das Incidências Criminais e Administrativas no Estado do Rio de Janeiro - 1º semestre de 2008”*, do Instituto de Segurança Pública da Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro, eram essas as condições que se apresentavam em relação à criminalidade:

3.135 vítimas de homicídio doloso, isto é, crime contra a pessoa com a intenção de matar; 2.152 homicídios provocados por arma de fogo; 818 casos de roubo à residência; 28.453 ocorrências de roubo a transeunte, tendo sido constatado um aumento no 1º semestre do ano seguinte para 33.000 ocorrências. Também veio crescendo o número furtos e de mortes por resistência à prisão: em 2000, registram-se 43.220 furtos contra 69.339 em 2007, sendo que mortes por resistência tiveram uma variação de 520 casos em 2006; 694, em 2007 e 757, em 2008. Ressalta-se que os dados são semestrais e denotam um aumento dos índices de criminalidade desde o ano de 2000.

A cobertura da mídia à época ilustra os dados estatísticos com fatos do cotidiano.

03/02/2007 - Violência Policial

Grupo armado chefiado por Marcelo PQD, do Terceiro Comando, invadiu a Favela Juaniza (Morro do Barbante), na Ilha do Governador. Essa favela tem a atuação de uma milícia comandada por um policial chamado Téo. Há dois meses, quando invadiram a favela e expulsaram os traficantes, o grupo haveria cobrado taxas de moradores para colocar quatro portões de aço que fechariam as principais entradas da favela. Neste confronto a polícia (gera a dúvida se apoiando diretamente ou não as milícias) também estava presente para impedir que os

traficantes retomassem o controle da favela. O conflito entre policiais e traficantes deixou um traficante e um operário mortos (este último passava pelo local) além de mais duas pessoas feridas (as notícias não dizem se essas duas eram alvo principal). Entre os policiais, um soldado e um sargento foram mortos. Todos foram feridos com arma de fogo. A polícia investiga o caso.

Fonte da notícia: Diário de São Paulo, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo.

22/02/2007 – Execução Sumária

Um assessor do gabinete da Polícia Civil, o inspetor Felix Tostes, foi morto com mais de 30 tiros quando dirigia o carro de uma amiga no bairro do Recreio dos Bandeirantes. Cerca de um mês antes ele havia sido afastado dos serviços na polícia por suspeita de envolvimento em milícias no Rio e a Polícia Civil mantém a investigação se o policial chefiava a milícia da Favela Rio das Pedras, em Jacarepaguá. O policial também era suspeito do envolvimento com a máfia dos caça-níqueis. Foram recolhidas 72 cápsulas deflagradas no local do crime e 34 atingiram o policial. Segundo testemunhas, três homens teriam saído de um carro, cercado a picape em que estava o policial e atirado. A polícia investiga diversas hipóteses. Uma mulher que passava pelo local ficou ferida.

Fonte da notícia: Diário de São Paulo, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo.

07/09/2007 – Violência Policial

Líder comunitário que denunciou a presença de uma milícia na favela Kelson há nove meses foi sequestrado. Segundo testemunhas, a vítima foi abordada e ferida por cinco homens armados que fizeram vários disparos. Há informações de que um carro da PM deu cobertura ao veículo usado pelos criminosos. Dias depois o corpo da vítima foi encontrado carbonizado, sem as pernas, braços e parte do crânio numa vala em Campo Grande. O líder comunitário havia sido aliado dos milicianos por cinco meses e após desentendimentos em interesses econômicos ele passou a denunciar a milícia e

há suspeita de que estaria mantendo contato com o Comando Vermelho. Nas notícias há informações de alguns policiais envolvidos com o crime: Alexandre Barbosa Batista (PM/soldado), André Luiz Oliveira Lima (PM), Fernando Barcellos (PM/cabo), Jorge Henrique Alves dos Santos (PM/cabo), Antônio Souza dos Santos (PM/sargento). Uma notícia de 11/09/2007 relata a prisão dos PMs.

Fonte da notícia: Diário de São Paulo, folha de São Paulo, O Estado de São Paulo

Enfim, só um herói salvador?

4.4 A representação do herói

Por que a sociedade estaria precisando de um herói?

De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa, herói é um homem extraordinário pelos feitos guerreiros, valor ou magnitude.

Os heróis colocam os interesses e necessidades de outros em primeiro plano. Para tanto, lutam pelo bem comum, se sacrificam, correm perigos, são capazes de superar os problemas de forma excepcional.

Em que medida o Capitão Nascimento corresponde a essas definições?

No imaginário de uma parcela da população, ele é herói porque faz justiça - e imediata, com as próprias mãos. Não pode esperar, pois não suporta a morosidade do sistema. Alguém que se importa com a corrupção, que combate o uso de drogas e que, ao mesmo tempo, é humano, como um personagem "olimpiano".

De acordo com Edgar Morin, as celebridades, os heróis e as estrelas são figuras apresentadas pela mídia e que acionam mecanismos de projeção e identificação nos espectadores. São chamados olímpianos por habitarem "um novo Olimpo", um produto da cultura de massa.

Os olímpianos realizam aquilo que os simples mortais desejam e não conseguem fazer.

Têm dupla natureza: divina e humana. Pelas características humanas torna possível a identificação com os seus semelhantes, e sua natureza divina, sobre-humana, permite a projeção, a idealização. Por meio dessa dualidade, efetuam a circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação.

“Conjugando a vida cotidiana e a vida olimpiana, os olímpianos se tornam modelos de cultura no sentido etnográfico do termo, isto é, modelos de vida. São heróis modelos. Encarnam os mitos de auto-realização da vida privada.” (Morin, 1997, p-107).

José Padilha assim se pronunciou rebatendo as interpretações de que o filme teria retratado o Capitão Nascimento como um herói:

É preciso fazer um grande esforço para interpretar o filme tão errado assim. Quem é o capitão Nascimento no filme? É um sujeito que dedicou sua vida à tropa de elite. Passou sua vida justificando para si mesmo a violência que perpetra nas favelas. Ele está vendo que a dedicação que teve foi equivocada e não se sustenta numa sociedade civilizada. O filme mostra isso, apresentando o personagem com síndrome de pânico, que não consegue sustentar a realidade na qual apostou ou conciliar uma vida em família com a mulher e o filho, é um personagem angustiado.

Um depoimento anônimo postado no blog Militar Legal (outubro 2007) é bastante elucidativo em relação às controvérsias geradas pelo filme.

Que sociedade é esta que viu no capitão Nascimento um herói salvador? É uma sociedade classe média que não aguenta mais viver cercada por favelados e bandidos. É uma sociedade que está de saco cheio dos políticos vigaristas que apoiam favelas ilegais que abrigam criminosos fortemente armados.

Essa sociedade quer ver o capitão Nascimento passando fogo nessa escória que desce o morro para assaltar e aterrorizar aqueles que estudam, trabalham e pagam impostos. Querem ver o Bope tocando fogo de napalm naquelas favelas escrotas de onde a m... e o lixo descem rolando.

Essa sociedade já perdeu a paciência com essa classe de baixa renda compostas por parideiras e manés irresponsáveis que fazem filho para jogar na rua e pedir esmola. Essa sociedade paga impostos para fazer

escolas, saneamento, posto de saúde, bolsa família e etc., mas isso só faz multiplicar as favelas e os bandidos.

O Capitão Nascimento transformou-se, portanto, no porta-voz de uma sociedade amedrontada que assume como solução que não há saída, tem mesmo é que matar.

A natureza humana do Capitão Nascimento retratada no depoimento do diretor José Padilha associada à projeção de um salvador, de um justiceiro, de um porta-voz de uma sociedade amedrontada, parecem apresentar indícios de identificação desse personagem com as características de um herói olímpico.

É interessante observar que a mídia, a qual se atribui a responsabilidade de eleger e construir mitos, heróis e celebridades, no caso ora em estudo não fomentou a criação desse herói. Ao contrário, houve uma reação unânime desfavorável a essa identificação, embora tenham ocorrido divergências quanto ao fato de que o filme tenha ou não favorecido ou mesmo induzido a plateia a projetar no Capitão Nascimento seus sonhos de justiça.

“Miserável país aquele que precisa de heróis”.

Bertold Brecht (1898- 1956)

5 Considerações Finais

Este trabalho pretendeu abordar a relação da mídia com questões que envolvem violência, criminalidade e segurança pública, a partir da cobertura jornalística do filme *Tropa de Elite*.

Como dito anteriormente, a escolha do filme deu-se pelo fato de retratar a ação de uma corporação policial – o BOPE, em uma favela do Rio de Janeiro, trazendo elementos significativos que permitiram reflexões que, além da compreensão de como a mídia aborda o tema, envolveram pensamentos, atitudes e valores da sociedade brasileira frente à questão, haja vista que a reação da plateia ao filme suscitou inúmeros debates.

Ao pensarmos no dilema Tostines – se a sociedade reflete o pensamento da mídia ou se a mídia reflete o pensamento da sociedade – podemos constatar que a plateia (sociedade) surpreendeu a mídia.

Houve uma reação de indignação, de surpresa, de espanto com as atitudes de aprovação às condutas do personagem Capitão Nascimento, dos métodos de tortura, de suas falas, e na sua identificação como um herói.

É surpreendente como expressões usadas no filme foram incorporadas no linguajar da população: Pede pra sair; Deus perdoa, mas o Capitão Nascimento, não; Missão dada, missão cumprida.

Os resultados das pesquisas consultadas para fins desse trabalho com a intenção de buscar o entendimento da “cabeça do brasileiro”, ou seja, seu pensamento e comportamento frente a situações como as de segurança, violência e justiça, não foram conclusivas.

A Lei de Talião – dente por dente, olho por olho, o uso de procedimentos policiais ilegais (tortura, morte) parece-nos sujeitos a oscilações que dependem das condições sentidas e vividas pela população em relação à violência.

O que seria percebido como correto em termos de valores, de respeito aos direitos humanos – o não à violência policial, a necessidade de observância rigorosa das leis, a confiança na justiça – expressos em algumas pesquisas, são,

muitas vezes, revertidos quando da ocorrência de algum distúrbio que constitui ameaça à população.

Parece-nos que um cotidiano de violência contamina de imediato a população em prol de medidas mais severas de repressão, o que inclui aquelas ilegais praticadas por integrantes das corporações policiais.

Daí questiona-se o motivo da surpresa da mídia em relação à reação da plateia. Isto refletiria uma dissociação entre o pensamento da mídia e o da sociedade?

Alguns artigos buscaram explicações quanto ao comportamento do público – uma reação catártica, emocional, portanto pontual, e motivada pelas circunstâncias de insegurança da população, como se demonstrassem, com tais justificativas, uma sintonia da mídia com o pensamento da sociedade.

Porém, poucos foram os artigos que se detiveram nessa abordagem.

Outros foram bastante contundentes, chegando a afirmar que fascista foi a reação da plateia, e não o filme, demonstrando claramente o desacordo com a aprovação do público às práticas policiais ilegais.

Na análise comparativa entre as críticas da mídia distintas entre filme fascista ou crítica social, pode-se observar que a utilização da narração em off foi um dos pontos que mais provocou o acirramento entre as posições.

A história contada do ponto de vista de um policial foi a razão maior para diversos e diferentes entendimentos, reforçando o antagonismo de opiniões.

Um outro aspecto, provocado pelo fato de o filme ter responsabilizado os consumidores de drogas, jovens de classe média, de financiarem o tráfico, obteve atenção restrita àqueles que classificaram o filme de fascista, enfatizando o equívoco da mensagem de criminalização dos usuários, além de não ter trazido para o debate a questão da legalização do consumo das drogas.

Retomando o debate em torno da relação da mídia com a criminalidade e com a violência abordada no capítulo 2, constata-se que as críticas predominantemente voltaram-se a tecer julgamentos e a classificar o filme de acordo com padrões morais e ideológicos, com ênfase nos valores e crenças próprios, transformando-se em uma tribuna de ataques e defesas, deixando, desta

forma, de pautar um debate consistente e qualificado sobre o problema da segurança pública no país.

Ou seja, de maneira geral, a imprensa foi mais reativa e menos propositiva, não aprofundando os temas abordados pelo filme: a polícia que temos e a que a sociedade deseja ter, a política de controle ao uso de drogas, a questão das armas, a formação dos policiais.

O excesso de opiniões concentrado na discussão de o filme ser ou não fascista prejudicou um debate mais concreto em relação à segurança pública.

Por fim, destaca-se que os avanços que se pretende quanto ao papel dos meios de comunicação na construção de uma nova consciência social sobre criminalidade e segurança pública no contexto dos Direitos Humanos estão diretamente relacionados a condição de esses temas tornarem-se definitivamente centrais no debate público e na preocupação política nas diferentes esferas do governo e na sociedade civil.

Referências bibliográficas

ADORNO, Sergio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Caderno Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, jul/dez, p. 84-135. 2002.

CALLIARI, Cibeale. Cinema Novo, cinema engajado (segundo capítulo da monografia Central do Brasil: o Novo Cinema e o Resgate do Cinema Novo).

CARDIA, Nancy. **Pesquisa sobre atitudes, normas culturais e valores em relação à violência em dez capitais brasileiras**. Relatório de pesquisa. Brasília-DF: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Direitos Humanos, 1999.

_____. **Exposição à violência**: seus efeitos sobre valores e crenças em relação à violência, polícia e direitos humanos. São Paulo: Núcleo de Estudos da Violência, Universidade de São Paulo, 2003.

COTTA, Pery de Araújo. **Mídia e Sociedade** - aproximações e afastamentos: um estudo sobre o jornalismo reflexivo. 2001. Tese (Dourado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

FILHO, Aziz. **Mídia e segurança pública**: uma relação de superficialidade e incompreensões. [s.l.]: Observatório da Imprensa, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 197-223. 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

IUNES, Ivan Luis David. **O discurso da mídia impressa no caso do ônibus 174**. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

LINS, Consuello. **O ensaio no documentário e a questão da narração em off**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

NÚCLEO DE ESTUDOS DA VIOLÊNCIA. [Pesquisa] Milícias de policiais no Rio de Janeiro. Núcleo de Estudos da Violência, Universidade de São Paulo, 2007.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo - Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET; HAK (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, Ed. Unicamp, 1990.

RAMOS, Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência**: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro, IUPERJ, 2007.

SACCOMANI, Edda. Fascismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília: Ed. Fundação Universidade de Brasília, 1991.

SILVA, Jailson Souza e. **A violência da mídia**. In: MÍDIA e Violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

SIMONARD, Pedro. Origens do Cinema Novo: A Cultura política dos anos 50 até 1964.

SOARES, L. E.; BATISTA, A.; PIMENTEL, R. **Elite da tropa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade, mídia e violência**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

Sítios da Internet

Calligaris, Contardo. Tropa de Elite. Disponível

em: <<http://www.verdestrigos.com.br>

Acesso em :13 de maio de 2009

COSTA, Jurandir Freire. O ano em que daremos férias à tropa de elite. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 7 out. 2007. Disponível em:

<<http://www.estado.com.br/suplementos/ali/2007/10/07/ali-1.93.19.20071007.6.1.xml>>. Acesso em: 09 maio. 2009.

GASÁRI, Elio. Huck, Ferrez, Capitão Nascimento. **Folha online**, São Paulo, 10 out. 2007. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/treinamento/ult76u335427.shtml>>. Acesso em: 13 abr. 2009.

KHALIP, Andrei. “Tropa de elite” não é elogio à brutalidade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 set. 2007. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2007/09/19/297794270.asp>>. Acesso em: 10 jun. 2009.

LIMA, Amauri. **Reportagem e retórica**: uma análise discursiva sobre o filme Tropa de Elite. Trabalho apresentado no VIII seminário Nacional de Literatura, História e Memória. Paraná: UNIOESTE. Disponível em: <http://cac.php.unioeste.br/eventos/seminariolhm/anais/Arquivos/Artigos/Seminario/seminario_imagem_13.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2009.

LOPES, Suelen. **Jornalismo social e angústias**. 30 maio 2007. Disponível em:

<<http://jornalismosocialeangustias.blogspot.com/2007/09/bendito-seja-o-mst-sbado-01-de-setembro.html>>. Acesso em: 05 maio. 2009.

SOARES, Luiz Eduardo. Filme perturba até os “caveiras” de carteirinha. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 7 out. 2007. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/suplementos/not_sup61253,0.htm>. Acesso em: 09 abr. 2009.

TEDEIA, Gilberto. **Prática radical**. Disponível em: <<http://praticaradical.blogspot.com/2007/10/guerra-guerra-dizia-o-torturador-tropa.html>>. Acesso em: 10 jun. 2009.

TROPA de elite não é fascista. **Revista da Semana**, São Paulo, 15 out. 2007. Disponível em: <http://revistadasemana.abril.com.br/edicoes/5/doquesefala/materia_doquesefala_255483.shtml>. Acesso em: 15 jun. 2009.

VARIETY aponta fascismo em “Tropa de elite”. G1, São Paulo, 11 fev. 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Cinema/0,,MUL294932-7086,00.html>>. Acesso em: 10 jun. 2009.

WEISSBERG, Jay. The elite squad. **Variety**, 25 fev. EUA, 2009. Disponível em: <<http://www.variety.com/index.asp?layout=festivals&jump=review&id=2478&reviewid=VE1117936168&cs=1>>. Acesso em: 10 jun. 2009.

XÉXEO, Artur. Xéxeo sobre Tropa de Elite: o chocante é a platéia. **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 set. 2007. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2007/09/26/297889226.asp>>. Acesso em: 13 maio. 2009.

ZANIN, Luiz. Tropa de elite, filme fascista? **Estadão**, São Paulo, seção Cinema, Atualidades, 26 set. 2007. Disponível em:

<http://blog.estadao.com.br/blog/zanin/?title=tropa_de_elite_filme_fascista&more=1&c=1&tb=1&pb=1>. Acesso em: 20 abr. 2009.